

TRABALHO E TECNOLOGIA: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS NAS TRAJETÓRIAS DE VIDA DOS PERSONAGENS JOÃO ROMÃO DE O CORTIÇO E PAULO HONÓRIO DE SÃO BERNARDO

Carla Prado Lima Silveira Vilela¹

Angela Maria Rubel Fanini²

Resumo

O trabalho é categoria essencial ao homem e meio pelo qual este interage com a natureza. Por meio da atividade laborativa, o indivíduo transforma a si próprio e a sociedade ao seu redor e esse é um dos traços mais ontologicamente marcantes do trabalho. Assim, toma-se o universo do trabalho como mote para investigar como ocorrem as representações laborais no universo literário. O estudo em pauta valeu-se de duas obras da literatura brasileira para estudar as relações laborais entre os personagens protagonistas, bem como as relações intertextuais, a saber: João Romão, de *O cortiço* e Paulo Honório, de *São Bernardo*. Como referencial teórico para atingir esse intento, adotou-se o pensamento de Marx (1975), Engels (1990), Lukács (2004), Antunes (1999) e Candido (1976). Como resultado dessa investigação, conclui-se que a trajetória desses dois personagens, de épocas históricas bastante distintas, apresenta uma relação muito próxima, especialmente no aspecto laboral e comportamental. Ambos são oriundos de classe social não abastada, sem referencial familiar, trabalhadores árdios, ambiciosos e não hesitam em amedrontar ou corromper para conseguir o que desejam. Dessa forma, ambos revelam que o cenário laboral voltado tanto para o auto-enriquecimento material quanto para a exploração brutal do outro, dá-se por uma estreita lógica instrumental do trabalho em que não há sentido humanizador.

Palavras-chave: Literatura brasileira; intertextualidade; Universo do trabalho.

¹Graduanda do Curso de Letras da UTFPR, bolsista do CNPq de Iniciação Científica da UTFPR. Email: carlaprado2000@gmail.com

²Professora Doutora do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Tecnologia da UTFPR. Email: rubel@utfpr.edu.br

Abstract

Labor is essential to mankind and it is a means to interact with nature. Through labor men transform themselves and the surrounding society and this is one of the most ontologically salient features of it. In this sense, the universe of labor is dealt with in order to investigate how its representations occur in literature. The study in question, takes two Brazilian novels to study the relations between their main characters, as well as intertextual relationships, that are: João Romão, main character of *O cortiço* and Paulo Honório, main character of *São Bernardo*. As a theoretical framework it was adopted Marx (1975), Engels (1990), Lukács (2004), Antunes (1999) and Candido's ideas (1976). As a result of this investigation, it was concluded that the trajectory of these two characters, from very different historical periods, presents a very close relationship, especially in labor and behavioral aspects. Both are simple-minded, not related to a family, hard working, ambitious and do not hesitate to intimidate or corrupt others to get what they want.

Key-words: Brazilian literature; Intertextuality; Labor universe.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo verifica a representação literária do trabalho e do trabalhador (a) e como essa representação se formaliza nos romances *O cortiço*, de Aluísio Azevedo e *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, especificamente nas personagens protagonistas João Romão e Paulo Honório. Por serem obras bastante exploradas, o intuito a que se propõe este artigo é renovar a visão acerca desses objetos literários, no caso, os romances, focando, porém, nos elementos laborais e suas diversas significações, bem como no diálogo intertextual entre as obras e as personagens em questão. A escolha das obras justifica-se, primeiramente, pelas similitudes entre as personagens principais, no universo laboral e social; também por serem romances que possuem um certo caráter documental ao retratar a sociedade da época³, e por configurar uma parte

³Aqui se dialoga com o sociólogo e crítico literário Antonio Candido acerca dos elementos externos que se tornam internos ao texto, visto que a literatura não filtra a realidade do mundo como instância explicativa, mas sim, reflete em parte a realidade como uma recriação do real, pois o texto é uma continuação do mundo, que representa a visão de um grupo, de uma coletividade e também de um escritor específico. Tanto Aluísio quanto Graciliano debruçam-se sobre o referencial histórico, mas o recriam de acordo com suas respectivas visões de mundo.

da história em que há grandes transformações econômicas e sociais, como o final do século XIX e a década de 30 do século XX. Tal abordagem apresenta caráter inovador, haja vista não haver pesquisas suficientes que se debrucem sobre as articulações entre trabalho e literatura.

Como fundamentação teórica para corroborar o viés laboral a que se destina este artigo, adotaremos os princípios científicos dos teóricos que se posicionam sobre o mundo do trabalho. Karl Marx (1975) apresenta uma obra destinada a compreender a força motriz do capitalismo e das relações de trabalho. O trabalho é a forma de mediação entre o homem e a natureza, forma através da qual o homem relaciona-se e interage com o meio no sentido de constituir a sua própria condição de existência. O homem, graças ao trabalho, conseguiu dominar em parte as forças da natureza, colocando-as a seu serviço:

Como criador de valores de uso, como trabalho útil, é o trabalho, por isso, uma condição de existência do homem, independentemente de todas as formas de sociedade, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, vida humana. (MARX, 1975, p. 50)

Assim, Marx postula que o trabalho é a essência do homem, pois é o meio pelo qual interagimos com a natureza e a transmutamos em bens, onde se agregará valor de uso e de troca. O homem, para Marx, é um ser social histórico e que possui a capacidade de trabalhar e desenvolver a produtividade do trabalho, o que o diferencia dos outros animais e possibilita o progresso de sua emancipação da escassez da natureza, o que torna propício o desenvolvimento das potencialidades humanas. Dessa forma, na busca da satisfação das necessidades, o homem trabalha sobre a natureza e, à medida que realiza esse trabalho, ele se descobre como ser produtivo e passa a ter consciência de si e do mundo por meio do progresso do aperfeiçoamento da produtividade laboral. Entretanto, na sociedade ocidental, com a Revolução Industrial, integrante do conjunto das revoluções burguesas do século XVIII, os trabalhadores perderam o controle do processo produtivo, da matéria-prima, do produto final e do lucro. Assim, esses trabalhadores passaram a controlar máquinas que pertenciam aos donos dos meios de produção e vendiam a sua força de

trabalho como única mercadoria que, gerando mais-valia, fez nascer e desenvolver o capital. O desenvolvimento tecnológico, cuja esperança era a libertação dos sacrifícios impostos pelo trabalho desprovido de técnica, foi desviado para os interesses do capital, do qual a base se encontra na comercialização da força de trabalho e na extração da mais-valia. Assim, Marx debruça-se sobre essa contradição e analisa as características de cada forma de organização de trabalho, bem como a crescente alienação do trabalhador, à medida que se distancia cada vez mais do produto final de seu trabalho.

Engels (1990), parceiro intelectual de Marx, trata da legalidade da categoria trabalho no movimento autoconstrutivo do tornar-se humano do homem. Dessa forma, Engels vê o trabalho como fundamental para a existência, ou seja, trata da questão do trabalho e seu papel no processo de evolução, sustentando que o trabalho é a primeira condição básica para toda a existência humana, e isso em uma extensão tal que, em determinado sentido, o trabalho criou o próprio homem. Tal afirmação causou uma certa polêmica no contexto histórico de sua publicação, haja vista o pensamento científico da época estar marcado pela filosofia idealista, que não considerava a importância do trabalho no processo evolutivo do homem. Engels procura demonstrar como o trabalho e a fabricação de diferentes instrumentos constituiu-se em fator fundamental na transição de animal símio a ser humano, num processo lento que inclui, entre outros elementos, o desenvolvimento de certas características físicas como a mão, a fala e o próprio cérebro. Assim, a importância da atividade laboral é observada, ao longo da história, quando se analisa o processo pelo qual passou o homem no que se refere à utilização das mais diversas ferramentas e as distintas relações com o meio ambiente ao longo de sua escala evolutiva. O trabalho humano não é ação sobre o meio de forma instintiva ou mecânica, mas um processo complexo de aprendizagem em que o homem não se limita a ações, como os outros animais, mas desenvolve técnicas e tecnologias que lhe são úteis. Por isso, para Engels, que objetiva defender uma interpretação materialista da evolução humana, o trabalho cumpriu papel central no processo de transição do macaco ao homem.

O filósofo húngaro Lukács (2004) aborda a centralidade do trabalho

como categoria ontológica. Para o teórico, o ser social intervém na natureza por meio de construções mediativas que a transformam. Trata-se de uma relação sócio-metabólica, estabelecida entre o homem e a natureza que só pode ser realizada pelo trabalho. Se, na natureza, o crescimento da vida é o desenvolvimento das espécies biológicas, no universo dos homens a história é o crescimento das relações sociais, ou seja, o que determina o desenvolvimento do homem enquanto tal, é a qualidade das relações sociais que ele desdobra. Assim, de acordo com Lukács, o trabalho objetiva a desenvolver algo novo, pois no processo de produção de determinado objeto, por exemplo, o indivíduo acumula conhecimentos e habilidades que antes não possuía. Dessa forma, ao transformar a natureza para atender às suas necessidades mais imediatas, o indivíduo também transforma a si e a sociedade e esse é um dos traços mais ontologicamente marcantes do trabalho, ou seja, o crescimento das capacidades humanas, a fim de transformar o meio nos produtos materiais necessários à reprodução social.

Mais contemporaneamente, tem-se o sociólogo e professor Ricardo Antunes que, por meio da releitura da obra marxiana, apresenta as chaves para a compreensão do modo de produção capitalista contemporâneo. Antunes resgata o conceito de classe social procurando dar-lhe vida e vigência teórica atual por meio da expressão *classe-que-vive-do-trabalho*. E essa busca em apreender dialeticamente as particularidades das novas formas sociais de relações de trabalho leva o sociólogo a afirmar a centralidade do trabalho e sua multiplicidade de sentidos na vida do homem atual. A categoria trabalho nos dias de hoje, apresenta-se complexificada e socialmente intensificada nos seus ritmos e processos e se coloca como esfera central na sociedade enquanto atividade criadora de valor. Assim, a centralidade do trabalho se faz enquanto elemento fundante e estruturante do processo de sociabilização humana, dotando a vida de sentido e realização, o que é diferente de dizer que uma vida cheia de sentido se resume unicamente ao trabalho. Logo, na busca de uma vida plena de sentido, a atividade laborativa transforma-se em elemento humanizador.

Quanto ao aspecto teórico-literário adotar-se-á o pensamento de

Candido (1976) que sustenta que a literatura é como um *sistema* que funciona ao mesmo tempo como elemento de constituição identitária e expressão de identidades, sejam elas regionais ou nacionais. Por meio da ideia de sistema, Candido aponta o surgimento das obras não como fenômeno pontual, expressão individual, mas como um evento de natureza sociológica relacionado ao contexto e/ou ideológico em que a obra foi formada. Dessa forma, a literatura não é um reflexo mecânico da sociedade, mas apresenta certa complexidade e singularidade em relação ao ambiente social e cultural em que foi discursivamente configurada: “Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se portanto interno.” (CANDIDO, 1976, p. 5 - 6.). Assim, Candido postula uma articulação entre as diferentes áreas, analisando o vínculo entre a obra e o ambiente, não olvidando, todavia, a análise estética do relato literário. O essencial é uma abordagem que conceba a obra literária como um conjunto de fatores sociais que atuem sobre a formação dessa literatura além da influência que a obra exerce no meio social a que pertence, depois de problematizada. Portanto, a obra literária deve ser concebida como um todo indissolúvel, fruto de um tecido formado por características sociais distintas, porém, complementares.

O cortiço, sétimo romance de Aluísio Azevedo, é uma obra que foi trabalhada desde o ano de 1888 e publicada em 1890, sendo fruto de uma apurada observação do escritor frente ao documento humano e ao contexto social, pois no final do século XIX, a sociedade brasileira passou por mudanças fundamentais nos campos políticos, sociais e conseqüentemente na forma de ver e entender a nova realidade que se estava vivendo. Foi nesse período que se mudou a forma de governo, elaborou-se a Constituição Republicana, em 1891 iniciou-se a substituição do trabalho escravo pelo trabalho assalariado e as fazendas de café e outras lavouras brasileiras modernizaram-se. As cidades cresceram e a expansão industrial inaugurou um certo processo de substituição das importações. O Rio de Janeiro, palco do romance, era uma cidade heterogênea, com mansões e palácios ao lado de cortiços e bairros miseráveis. Uma fidalguia

culta e exigente habitava os salões e os espetáculos de ópera enquanto o desemprego impelia milhares de pessoas para uma vida incerta de pequenos trabalhos periféricos, quando não, para o baixo meretrício e para a malandragem. É nesse emaranhado de contradições que Aluísio Azevedo buscou a matéria-prima de sua criação artística, transformando-a em imagens ficcionais.

O romance narra o cotidiano de uma das classes sociais pioneiramente apresentada na literatura brasileira: o trabalhador. Os moradores do cortiço formam uma galeria de tipos bastante diversificados, tanto em termos profissionais quanto culturais e étnicos. São apresentadas as diversas facetas da decadência humana e a população trabalhadora profundamente oprimida no seu contexto laboral, visto haver um surto populacional urbano e o comércio e a indústria estarem em ascensão e a escravidão em decadência, no período histórico do romance. A estrutura dinâmica social trabalhadora é representada na obra pelos personagens-típos, como o vendeiro, o cavouqueiro, as lavadeiras, o negociante, os vendedores. Todavia, o taberneiro, representado pelo personagem João Romão é uma das figuras centrais do romance e em quem se lançará luz.

Trabalhador árduo, de origem simplória, ambicioso e representado como uma metáfora do capitalismo insaciável, João Romão, com seu eterno ar de cobiça, direcionava todos os seus esforços em acumular capital e reduzir tudo à moeda: “Desde que a febre de possuir se apoderou dele totalmente, todos os seus atos, todos, desde o mais simples, visavam um interesse pecuniário. Só tinha uma preocupação: aumentar os bens.” (AZEVEDO, 1998, p.28). Imigrante português, João Romão era empregado de uma venda e por circunstância, ascendeu à condição de proprietário. Movido pela ganância, direcionou os seus esforços no intuito de enriquecer a qualquer custo: realizava pequenos furtos, passava as mais duras privações e explorava os outros. Amasiou-se com uma escrava chamada Bertoleza, que depositou confiança no português, mas também era uma das vítimas da exploração desumana do vendeiro: “Bertoleza representava ao lado de João Romão o papel tríplice de caixeiro, de criada e de amante. Mourejava a valer, mas de cara alegre.” (AZEVEDO, 1998, p.21).

Assim, o vendeiro passou a construir pequenas casinhas para alugar, que cresceram e se transformaram no grande cortiço São Romão. Miranda, negociante português abastado, era alvo da inveja do vendeiro. E, a partir do momento em que o burguês foi agraciado com o título de barão, uma revolta, motivada por uma profunda inveja, nasceu no coração de João Romão. Este desejava agora investir os seus bens em uma vida fidalga: “Qual seria o melhor o mais acertado: - ter vivido como ele vivera até ali, curtindo privações, em tamancos e mangas de camisa; ou ter feito como o Miranda, comendo boas coisas e gozando à farta?” (AZEVEDO, 1998, p.118). Agora, a sua cobiça direcionou-se à filha do Miranda e ao título nobiliárquico de Visconde; porém, havia um empecilho: Bertoleza. Queria livrar-se dela a qualquer custo, pois a escrava representava o documento vivo de suas misérias e da vida de privações que levava até enriquecer e Zulmira, a filha do negociante português, simboliza a nova vida aristocrata idealizada pelo vendeiro. Então, contata os antigos proprietários de Bertoleza para buscarem-na e esta, quando percebe a traição do amigo, numa atitude de revolta e desespero, mata-se.

A década de 30 do século XX foi um período ainda marcado pelo sistema político-econômico agro-exportador e também pela revolução de 30. Época de acelerado crescimento da vida urbana e forte surto industrial, com o desenvolvimento da classe média e do operariado, gerando novas necessidades e insatisfação com o monopólio do poder pelas elites rurais. É nesse conturbado contexto que Graciliano Ramos dá à luz a um dos romances mais densos da literatura brasileira: *São Bernardo*. Paulo Honório, um homem simples que, movido por uma ambição sem limites transforma-se em um grande fazendeiro do sertão alagoano. Essa é a linha mestra que conduz a narrativa de tom confessional, que tem a força de uma tragédia rural. Acerca das obras de Graciliano, o crítico Antônio Cândido se posiciona: “(...) no âmago de sua arte, há um desejo intenso de testemunhar sobre o homem, e tanto os personagens criados quanto, em seguida, ele próprio, são projeções deste impulso fundamental, que constitui a unidade profunda de seus livros”. (CÂNDIDO, 1964). O romance *São Bernardo* ilustra o mergulho do escritor na alma humana, expondo os conflitos emocionais e existenciais a que estão sujeitos todos

os homens, porém, sem desprezar o contexto sócio-político de seu entorno. Publicada em 1934, a obra é narrada em primeira pessoa pelo próprio protagonista, Paulo Honório, herói problemático⁴, em conflito com o mundo, atormenta-se pelos infortúnios de seu destino e busca compreender os acontecimentos que se deram em sua vida, narrando sua trajetória. Trabalhou como enxadeiro até os dezoito anos, quando se envolveu com a mulata Germana. Desentende-se com o amante de Germana, João Fagundes, esfaqueando-o. É preso por três anos e na cadeia aprende a ler e escrever.

Após ser solto, ambiciona enriquecer. Trabalhou em ofícios variados como vendedor de redes, de imagens e outras miudezas até estabelecer-se em sua terra, no interior do Alagoas e desejar ambiciosamente abocanhar as terras da fazenda São Bernardo, que pertenciam ao seu antigo patrão: “O meu fito na vida foi apossar-me das terras de São Bernardo, construir esta casa, plantar algodão, mamona (...) adquirir um rebanho bovino regular” (RAMOS, 1996, p.9). Ao atingir o seu intento por meios inescrupulosos, iniciou a trabalhar arduamente e com muitas privações, a fim de fazer a fazenda prosperar: “Trabalhava danadamente, dormindo pouco, levantando-me às quatro da manhã, passando dias ao sol, à chuva, de facão, pistola e cartucheira, comendo nas horas de descanso um bacalhau assado e um punhado de farinha.” (RAMOS, 1996, p.28). Assim, de oprimido, passa a opressor e foi enriquecendo à custa de muito trabalho e exploração alheia.

⁴A forma de romance que Lukács (2000) estuda é a que caracteriza a existência de um herói romanesco, definido como herói problemático. Esse herói designa um tipo de personagem que se caracteriza justamente pela busca degradada e, por isso, inautêntica de valores autênticos em um mundo de conformismo e convenções; daí ser a ironia o principal elemento do herói problemático, que se manifesta em seu caráter demoníaco. Esse indivíduo está em constante conflito com o mundo, assim, o propósito da jornada do herói é reencontrar-se consigo mesmo, ou seja, é um processo de reconciliação. Sendo assim, o desejo do herói, que é imperfeito e limitado, é realizar o seu ideal, em um mundo decadente em que não há mais espaço para a intervenção divina, e a batalha travada contra a realidade consiste em uma luta inglória, em que o fracasso é a tônica dessa materialização da problemática inerente ao herói. Paulo Honório, degradado pelos valores de troca, busca, após seu fracasso matrimonial, entender sua trajetória, mas percebe que valores não mercadológicos são neutralizados pelo social em que a mercantilização de tudo predomina. Ocorre a conscientização de si, todavia não há saída para o herói.

Certa feita desejou ter um herdeiro, para poder passar adiante sua herança, e para isso, busca uma companheira. Pensou em algumas moças casadoiras, como D. Marcela, filha do Dr. Magalhães, desejada por Paulo Honório por ser uma “peitaria, um pé-de-rabo, um toitiço”, atributos físicos que a tornariam boa parideira e mãe, na ótica do protagonista. Todavia conhece Madalena, mulher bonita, instruída, humanitária, e também “miudinha e fraquinha”, por quem se interessa. A moça vivia com a tia, D. Glória e ambas sobreviviam do salário magro da professora. Assim, o casamento com um fazendeiro rico representava uma boa oportunidade para as duas: “O seu oferecimento é vantajoso para mim, seu Paulo Honório, murmurou Madalena. Muito vantajoso, mas é preciso refletir. De qualquer maneira estou agradecida ao senhor, ouviu? A verdade é que sou pobre como Job, entende?” (RAMOS, 1996, p.89). Consumadas as núpcias, a jovem, agora participante da rotina de Paulo Honório, choca-se com a falta de sensibilidade do marido para com os outros, pois não concebia a vida como uma relação de possuidor e coisa possuída. Assim, ao presenciar as constantes brutalidades do marido para com os funcionários da fazenda e sofrer denúncias de traição infundadas, a mulher tornou-se amargurada e triste: “Na casa-grande a vida era uma tristeza (...). Madalena bordava e tinha o rosto coberto de sombras.”(RAMOS, 1996, p.134). Madalena engravida e o filho, antes tão desejado, torna-se motivo de suspeitas quanto à idoneidade da mãe:

Afastava-me, lento ia ver o pequeno, que engatinhava pelos quartos, às quedas, abandonado. Acocorava-me e examinava-o. Era magro. Tinha os cabelos louros, como os da mãe. Olhos agateados. Os meus são escuros. Nariz chato. De ordinário as crianças têm o nariz chato. Interrompia o exame, indeciso: não havia sinais meus; também não havia os de outro homem. (RAMOS, 1996, p.135)

A constante angústia leva Madalena a negligenciar o filho e a vida, até cometer suicídio. A partir daí, Paulo Honório entediou-se; algumas pessoas que moravam na casa foram embora e a solidão tornou-se insuportável. Então, o protagonista, um fazendeiro inculto e embrutecido, amargo e solitário diante de uma vida estagnada, decide escrever a história

de sua vida nas noites solitárias da fazenda São Bernardo.

2 JOÃO ROMÃO E PAULO HONÓRIO: DOIS TRABALHADORES

A trajetória desses dois personagens, de épocas históricas bastante distintas, apresenta uma relação muito próxima, especialmente no aspecto laboral e comportamental. João Romão, um português criado solto na vida, na cidade do Rio de Janeiro, não tinha referenciais familiares; vivia de si para si próprio. Da mesma forma Paulo Honório, brasileiro, do interior do Alagoas, sem pai ou mãe biológicos referenciais, desempenha para si mesmo simultaneamente a figura paterna e patriarcal, ao se julgar fundador de uma família, todavia, a figura materna reproduz-se na personagem da velha doceira Margarida, que o criou. Aqui, percebe-se que o fazendeiro apresenta um certo caráter benevolente ao demonstrar consideração para com a doceira, ao acolhê-la na fazenda após anos sem vê-la: “Mãe Margarida, procurei a senhora muito tempo. Nunca me esqueci. Foi uma felicidade encontrá-la. E carecendo de alguma coisa, é dizer.”(RAMOS, 1996, p.56). Já João Romão, apesar da dureza do coração, deixa claro, em um único momento da narrativa, um sentimento de piedade por um menino, filho de uma moradora do cortiço: “contra todos os seus hábitos, impressionou-se com a morte de Agostinho; lamentou-a no íntimo, tomado de estranhas condolências. – Pobre pequeno! Tão novo, tão esperto e cuja vida não prejudicava ninguém, morrer assim, desastrosamente! (AZEVEDO, 1998, p.214)

Desde jovens mourejaram arduamente. O português, dos treze aos vinte e cinco anos trabalhou como empregado de um vendeiro em uma suja e obscura taverna nos refolhos do bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro. E desde o início de sua trajetória laboral fora avarento e ganancioso e o patrão, ao mudar-se para outro local, deixou ao português, como pagamento pelos ordenados vencidos, a venda com tudo o que tinha dentro. Então, começou a trabalhar mais ferozmente a fim de fazer progredir o próprio negócio:

Proprietário e estabelecido por sua conta, o rapaz atirou-se à labuta ainda com mais ardor, possuindo-se

de tal delírio de enriquecer, que afrontava resignado as mais duras privações. Dormia sobre o balcão da própria venda, em cima de uma esteira, fazendo travesseiro de um saco de estopa cheio de palha. (AZEVEDO, 1998, p.19)

Paulo Honório, por sua vez, filho enjeitado, criado por uma doceira negra, também começou cedo na lida diária. Foi guia de cego e enxadeiro, passando por sérias dificuldades financeiras, até envolver-se em um assassinato e ser preso. Ambos, Paulo Honório e João Romão, de procedência simplória, ambicionavam prosperar financeiramente por meio da perseverança inexorável na busca do acúmulo de capital através do trabalho e da exploração da mão-de-obra humana. Assim, esse elemento comum entre esses dois trabalhadores, se dá motivado por uma ganância obstinada que os faz labutar arduamente. Ao sair da cadeia onde ficou preso por três anos, Paulo Honório conscientiza-se da necessidade de uma reviravolta nos seus conceitos e isso é perceptível quando, ao ser solto, estabelece para si mesmo que deveria enriquecer:

Nesse tempo eu só pensava em ganhar dinheiro. Tirei o título de eleitor e seu Pereira, agiota e chefe político, emprestou-me cem mil-réis a juro de cinco por cento ao mês. Paguei os cem mil-réis e obtive duzentos com o juro reduzido para três e meio por cento. Daí não baixou mais, e estudei aritmética para não ser roubado além da conveniência. (RAMOS, 1996, p.12).

Adquirir, ter e fazer prosperar era uma forma de superar as carências impostas pela sua origem social. Daí a sua obstinação pelas terras de São Bernardo, uma forma de superação da sua condição de classe. De fato, o sentimento de propriedade constitui um dos elementos temáticos que caracterizam esse personagem. Cândido afirma que Paulo Honório:

(...) é modalidade de uma força que o transcende e em função da qual se vive: o sentimento de propriedade. (...) *São Bernardo* é centralizado pela irrupção de uma personalidade forte, e esta, a seu turno, pela tirania de um sentimento dominante. Como um herói de Balzac, Paulo Honório corporifica uma paixão, de que tudo mais, até o ciúme, não passa de variante. (CANDIDO, 1956, p.25 e 30)

No mesmo fito, encontra-se o vendeiro João Romão, cuja visão de

mundo é totalmente segregativa e determinada pelo sentimento de posse. Devido à ganância, o português sofre uma auto-imposição de um regime de trabalho que ultrapassa muitas vezes o limite físico. Embora trabalhadores, não foi apenas pelo trabalho que Paulo Honório e João Romão enriqueceram. O fazendeiro, desmentindo o discurso do enriquecimento pelo trabalho, reflete:

Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem. Conheço indivíduos preguiçosos que tem faro: quando a ocasião chega, desenroscam-se, abrem a boca – engolem tudo. Eu não sou preguiçoso. Fui feliz nas primeiras tentativas e obriguei a fortuna a ser-me favorável nas seguintes. (RAMOS, 1996, p.39).

Assim, para fazer fortuna, segundo o protagonista, não basta labutar pesadamente, mas é preciso ter “faro”, um pouco de sorte e denegrir um pouco os preceitos éticos. Representando o capitalismo brasileiro da década e 30, o poderoso coronel é guiado pelo lucro, especificamente o rural. Assim, os dois protagonistas das obras, do final do século XIX e da década de 30 do século XX, dialogam com o seu entorno, como postula Candido:

(...) só a podemos entender (a obra literária) fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se portanto interno. (CANDIDO, 1976, p. 5 - 6.)

O Brasil dos coronéis, dos caudilhos e ao mesmo tempo, das promessas da chamada Revolução de 30, está refletido e refratado⁵ na obra

⁵Para o filósofo russo Bakhtin (1986), os signos verbais refletem e refratam o mundo e, por meio deles, podemos apontar para uma realidade que lhes é externa, mas o fazemos sempre de modo refratado, isto é, com os signos nós não somente descrevemos o mundo, mas construímos diversas interpretações (refrações) desse mundo. Logo, não é possível atribuir significado sem refratar.

de Graciliano, publicada em 34. É nesse Brasil de rupturas, porém, sem radicais transformações industriais, que se insere o personagem Paulo Honório. Da mesma forma, o vendeiro português João Romão, simboliza o capitalismo incipiente do final do século XIX. A obra de Aluísio apresenta uma visão clara pelo qual o Brasil passava nesse período histórico. João Romão pertence à classe trabalhadora que vivencia as consequências da ascensão da lógica capitalista. Estão presentes no romance o mundo do trabalho, visto que há a representação dos trabalhadores livres, escravos, assalariados; a urbanização acentuada, em decorrência da busca massiva por empregos, o que inchava as cidades e acentuava a estratificação social; a usurpação da mão-de-obra e do lucro, observados na trajetória da personagem João Romão, representante de um sistema opressor e explorador. Assim, ambas as obras, cada uma em sua época, são leituras do Brasil.

Símbolo máximo do explorado no romance de Aluísio é a personagem Bertoleza, representante do negro oprimido e marginalizado do final do século XIX. Ao morrer o carroceiro que tomava conta da quitandeira, esta confiou seus poucos bens e suas economias, fruto de seu trabalho na quitanda, nas mãos do lusitano João Romão, com quem se amigou, pois considerava o estrangeiro de uma raça superior: “Ele propôs-lhe morarem juntos, e ela concordou de braços abertos, feliz em meter-se de novo com um português, porque, como toda cafuza, Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente um homem de uma raça superior a sua.” (AZEVEDO, 1998, p.20). Bertoleza ajudou-o a tomar conta da venda, a construir o cortiço, enfim, enriquecer e, com total ausência de instinto humanitário, Romão lhe usurpava o trabalho e o corpo, até o momento em que a escrava não lhe servia para mais nada. Assim, Bertoleza tipifica o elemento negro do século XIX, que era comparado a um animal condenado ao trabalho, desprovido de razões e sentimentos, sem possibilidade de desfrutar da sua produção e tendo utilidade exclusiva para a labuta ferrenha. Em condição de suposta liberdade, visto que o vendeiro forjara uma carta de alforria, a quitandeira permanecia na condição de escrava e de alienação social, trabalhando “sem domingo nem dia santo”. Assim, Bertoleza denota a imagem do

oprimido socialmente nas mãos do inescrupuloso explorador. Todavia, percebe-se que a personagem foi contra o determinismo social que a direcionava e não aceitou o seu destino, porém, o seu grito de libertação custou caro: a própria vida.

Como resultado do esmero na lida diária e da expropriação do outro, os dois personagens, João Romão e Paulo Honório conseguem, enfim, fazer fortuna e elevam-se socialmente, em um ambiente marcado pela desigualdade econômica.

3 A ASCENSÃO ECONÔMICA E SOCIAL DE JOÃO ROMÃO E PAULO HONÓRIO

O cortiço, com todos os seus tipos sociais representativos, detem um caráter horizontal, visto serem os habitantes da estalagem um grupo de labutadores assalariados que se identificam por seus gostos e funções. O plano almejado agora pelo português, a partir da virada da narrativa, é o topo da cadeia vertical. Esse personagem, movido pela inveja do vizinho que adquiriu o título nobiliárquico de Barão, e também por um espírito material capitalista de enriquecer e possuir, deseja romper com o coletivo horizontalizado da estalagem e seus moradores, pois o vendeiro, por suas vestes surradas e sujas e seu comportamento rústico e inculto, facilmente confundia-se com a arraia-miúda habitante da estalagem. João Romão aristocratiza-se. Essa nova condição social é adquirida após uma profunda modificação do seu comportamento e de sua aparência. Anseia, agora, participar ativamente da vida burguesa. Ao receber o título nobiliárquico, passa a ter superioridade sobre o seu oponente, o Miranda. Assim, João Romão promove várias mudanças na estalagem, que agora ostenta ares aristocráticos, e o antigo e miserável cortiço, transforma-se na Vila São Romão. Contudo, em certo momento, a obra retrata a angústia psicológica porque se depara o vendeiro, que almeja escalar os degraus da verticalidade a fim de ascender socialmente, todavia, ao olhar para si próprio não vê condições objetivas e subjetivas para tal:

E, caso resolvesse mudar de vida radicalmente, unir-se a uma senhora bem educada e distinta de maneiras, montar um sobrado como o do Miranda e volver-se

titular, estaria apto para fazer?...poderia dar conta do recado?...Dependeria tudo isso somente da sua vontade?...sem nunca ter vestido um paletó, como vestiria uma casaca?...com aqueles pés deformados pelos diabos dos tamancos, criados à solta, sem meias, como calçaria sapatos de baile?...e suas mãos, calosas e maltratadas, duras como as de um cavouqueiro, como se ajeitariam com a luva...E isso ainda não era tudo! (...) Como se arranjaria para conversar sem dizer barbaridades? E um desgosto negro e profundo assoberbou-lhe o coração, um desejo forte de querer saltar e um medo invencível de cair e quebrar as pernas. (AZEVEDO, 1998, p.118).

Essa opressão macambúzia pela qual passa o vendeiro João Romão se dá porque o selo do trabalho material estava registrado em seu corpo: os pés deformados pelos tamancos e as mãos duras e calosas como as de um cavouqueiro, que representam inegavelmente a sua trajetória de trabalhador braçal. Essa atenção às mãos é também notória na fala do personagem Paulo Honório, em *São Bernardo*: “Que mãos enormes! As palmas eram enormes, gretadas calosas, duras como casco de cavalo. E os dedos eram também enormes, curtos e grossos. Acariciar uma fêmea com semelhantes mãos! (RAMOS, 1998, p. 140). Isso nos remete à concepção de trabalho para Engels em que as mãos são percebidas como a primeira ferramenta do ser humano no intuito de controlar e alterar o entorno. Bastante complexas em relação às dos animais, as mãos humanas passaram, ao longo dos séculos, por um processo de adaptação e aperfeiçoamento, lapidadas pelo trabalho, até adquirir a forma e as funções que desempenham hoje:

Vemos, pois, que a mão não é apenas o órgão do trabalho; é também produto dele. Unicamente pelo trabalho, pela adaptação a novas funções, pela transmissão hereditária do aperfeiçoamento especial assim adquirido pelos músculos e ligamentos e, em um período mais amplo, também pelos ossos; unicamente pela aplicação sempre renovada dessas habilidades transmitidas a funções novas e cada vez mais complexas foi que a mão do homem atingiu esse grau de perfeição que pode dar vida, como por artes de magia, aos quadros de Rafael, às estátuas de

Thorwaldsen e à música de Paganini. (ENGELS, 1876, p.3)

O filósofo húngaro Gyorgy Lukács, também reconhece o importante papel de Engels na explicitação do trabalho como agente humanizador do homem:

Es un mérito de Engels haber colocado al trabajo en el centro de la hominización del hombre. Engels también investiga las condiciones biológicas del nuevo papel del trabajo con este salto del animal al hombre. Las encuentra en la diferenciación que alcanza ya en los monos la función vital de la mano. (LUKÁCS, 2004, p.60)

Logo, as mãos representam o próprio órgão do trabalho, aperfeiçoadas por ele ao longo do tempo. Assim, os dois personagens possuem a marca laboral em sua carne, que nenhuma ascensão econômica e/ou social é capaz de apagar, ou seja, que eles são originários de uma casta pouco favorecida que precisou suar o rosto e deteriorar as mãos e os pés para sobreviver. Contudo, para João Romão, a sua obstinação em querer “ser” foi maior que o medo que sentia dessa situação nunca outrora vivenciada e então começou a investir os ganhos em si próprio:

Desde que o vizinho surgiu com o baronato, o vendeiro transformava-se por dentro e por fora a causar pasmo. Mandou fazer boas roupas e aos domingos refestelava-se de casaco branco e de meias, assentado defronte da venda a ler jornais. (...) Já não era o mesmo lambuzão! Fez-se sócio de um *club* de dança e duas noites por semana ia aprender a dançar; começou a usar relógio e cadeia de ouro. (...) Principiou a comer com guardanapo e a ter toalhas e copos sobre a mesa. (AZEVEDO, 1998, p.149)

Neste excerto, percebe-se a busca de João Romão pelos elementos que caracterizam as classes abastadas do final do século XIX: o título nobiliárquico, a qualidade das vestimentas, a postura polida, a integração na alta sociedade por meio dos *clubs*, o uso de objetos de valor como o relógio e a cadeia, a observância das regras de etiqueta e boas maneiras à mesa, a leitura de romances franceses traduzidos, a participação em espetáculos teatrais:

João Romão, agora sempre de paletó, engravatado,

calças brancas, colete e corrente de relógio, já não parava na venda, e só acompanhava as obras na folga das ocupações da rua. Principiava a tomar tino no jogo da Bolsa; comia em hotéis caros e bebia cerveja em larga camaradagem com capitalistas nos cafés do comércio. (AZEVEDO, 1998, p.192)

Logo, o ofício laboral do português já não se dá mais em conjunto com os empregados da venda, mas sim como supervisor do próprio negócio e envolto em altas especulações acerca de ações de companhias de títulos ingleses. Prestava-se também a um certo tipo de agiotagem, emprestando dinheiro com garantia de boas hipotecas. A retratação do trabalho que se tem aqui é uma transição do ofício material para o imaterial, logo, percebe-se também que, para chegar a essa condição de administrador e uma futura possibilidade de tornar-se um banqueiro, como o próprio texto aponta, foi necessário o vendeiro passar por todas as etapas da trajetória material de trabalhador braçal, como taberneiro, proprietário e atendente da venda, pedreiro, contratante de empregados e também acompanhar minuciosamente a evolução do próprio negócio e manter uma disciplina espartana motivada por uma ganância obstinada, a fim de transformar-se ontologicamente, adquirir experiência e habilidade na vida para uma rotina administrativa bem sucedida. Quanto à transformação do sujeito mediado pelo trabalho, Lukács postula:

Esta transformación del sujeto que trabaja – la auténtica hominización del hombre – es la consecuencia necesaria, de acuerdo con el ser, de este objetivo ser-precisamente-así del trabajo. En su definición del trabajo, cuyo texto hemos citado ya detalladamente, Marx habla también acerca de la influencia determinante que el trabajo tiene sobre el sujeto humano. Muestra que el hombre al influir sobre la naturaleza, al transformarla, “transforma su propia naturaleza, desarrollando las potencias que dormitan en él y sometiendo el juego de sus fuerzas a su propia disciplina.” (LUKÁCS, 2004, p.99)

Aqui, Lukács dialoga com Marx acerca da influência que a categoria trabalho tem sobre o ser humano e assim, permite ao homem refletir sobre a sua existência material e seu papel nas relações sociais em diálogo

constante com o meio. Aplicada a reflexão lukacsiana ao romance, observa-se na vida do protagonista que, como resultado do seu percurso laborativo, João Romão transformou a si próprio e ao seu entorno, pois a realidade em que ele vive já não é mais a mesma de outrora, haja vista essa modificação se dar em decorrência de um processo progressivo do desenvolvimento de suas ações e comportamentos. Nesse sentido, o desenvolvimento das atitudes futuras do personagem se darão baseadas em tudo o que este aprendeu e experienciou, por isso, ao construir o mundo objetivo, o indivíduo também se constrói e ao transformar a natureza, o homem também se transforma e, como consequência, ocorre o surgimento de novas necessidades, como pode ser constatado por meio da trajetória do personagem vendeiro, que de empregado de uma venda torna-se Visconde e um rico acionista de companhias de títulos ingleses.

Esse percurso da transformação ontológica mediado pelo trabalho também é observado no personagem Paulo Honório, de *São Bernardo* que, de vendedor ambulante, enxadeiro e guia de cegos, tornou-se um poderoso capitalista rural, proprietário do meio de produção social e empregador de trabalhadores assalariados.

Quando preso, aprendeu o processo de aquisição da leitura e da escrita com o colega Joaquim sapateiro, por meio de uma bíblia protestante de letras miúdas. Aqui, percebe-se um dos primeiros momentos de conscientização da necessidade de uma reviravolta em seus conceitos, pois, logo que é solto, obstina-se em acumular capital. Consegue um empréstimo com um agiota e trabalha em ofícios comerciais variados: “A princípio o capital se desviava de mim, e persegui-o sem descanso, negociando com redes, gado, imagens, rosários, muidezas, ganhando aqui, perdendo ali.” (RAMOS, 1996, p.12). Orgulha-se do seu conhecimento prático e aplicável, como a pecuária, a agricultura, a escrituração mercantil e a estatística. Com certo valor acumulado, dirige-se para o interior do Alagoas a fim de tomar posse da fazenda São Bernardo, que se encontrava decadente, abandonada e nas mãos do herdeiro Luís Padilha, jovem negligente, filho do antigo patrão de Paulo Honório. Aproveitando-se de uma circunstância de dívida de Padilha para com Paulo Honório, este expropria o perdulário das terras de São Bernardo, a fim de saldar uma

dívida:

Arranquei-lhe mais dois contos: quarenta e dois pela propriedade e oito pela casa. Arengamos ainda meia hora e findamos o ajuste. Para evitar arrependimento, levei Padilha para cidade, vigiei-o durante a noite. No outro dia, cedo, ele meteu o rabo na ratoeira e assinou a escritura. Deduzi a dívida, os juros, o preço da casa, e entreguei-lhe sete contos quinhentos e cinquenta mil-réis. Não tive remorsos. (RAMOS, 1996, p. 24)

Assim, Paulo Honório torna-se proprietário da fazenda São Bernardo. Da mesma forma que o português João Romão, o agora fazendeiro também labutou arduamente no princípio de sua jornada como latifundiário, pois nos primeiros anos teve muitas dificuldades, plantou mamona e algodão, porém, a safra fora ruim. Todavia, a persistência e a disciplina em investir na fazenda, o fez colher bons frutos monetários. Paulo Honório, à custa de trabalho árduo e abuso da mão de obra de outrem, transformou uma fazenda decadente em um empreendimento que possui gado bovino de qualidade, produção especializada de frutas e maquinário eficiente, o que representa uma modernidade técnica para a época. À medida que a fazenda começa a prosperar, o protagonista passa por uma transição do trabalho material, braçal, para o trabalho imaterial, administrativo. Contrata funcionários, como o mestre Caetano para trabalhar na pedreira, cavouqueiros, trabalhadores para o algodoal, pedreiros para a construção da casa. A fim de obter mais valores monetários para investir na fazenda, solicitou empréstimos junto ao banco e também contatou o governador acerca da instalação de indústrias na região, pois queria a dispensa de impostos sobre o maquinismo que importasse. Ao adotar a maquinaria, passa a contratar trabalhadores pouco qualificados e que estão à margem do processo produtivo, pois não possuem autonomia e são apenas acessórios da máquina, o que contribui para a alienação do trabalhador. Assim, para Paulo Honório, a relação que estabelecia com as pessoas era monetária e estas eram reduzidas a simples valor de uso e de troca, pois a liberdade que consentia era unicamente para o capital:

Na pedreira perdi um. A alavanca soltou-se da pedra, bateu-lhe no peito e foi a conta. Deixou viúva e órfãos

miúdos. Sumiram-se: um dos meninos caiu no fogo, as lombrigas comeram o segundo, o último teve angina e a mulher enforcou-se. Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção proibiu a aguardente. (RAMOS, 1996, p.38)

A fim de intensificar o trabalho, Paulo Honório proíbe a bebida alcoólica, que nesse caso, é a forma como o capitalista rural encontra para se apropriar da mais-valia. As péssimas condições de trabalho a que estão sujeitos os empregados da pedreira apresenta riscos à própria vida e, além disso, o indivíduo trabalha como uma ferramenta sobre o próprio objeto de trabalho, e o esforço muscular é a sua força motriz. É nítida também, como a exploração do trabalhador pelo capitalista desarticula, entre outras situações, até as relações familiares. Esses trabalhadores são mercadorias como qualquer outro artigo do comércio, cujo fim último é o lucro.

Para conseguir a benevolência do governador e obter certos favores econômicos, o fazendeiro, contra todos os seus princípios, construiu uma escola na zona rural. Não acreditava na educação e achava a instrução formal algo sem serventia, pois visava a fins práticos de trabalhador braçal. Todavia, o discurso do protagonista parece ir contra a sua própria trajetória, visto que este se valeu do aprendizado da leitura e da escrita para dominar os manuais de pecuária e zootecnia, além do saber aritmético, cujo propósito era aplicar o conhecimento teórico no fazer prático do campo; aqui percebe-se a visão imediatista do personagem e a questão do saber como uma questão política. Latifundiário estabelecido, casa-se com Madalena, professora, moça bonita e instruída, a fim de garantir um herdeiro e firmar-se socialmente, pois ela representa o saber intelectual, do qual o fazendeiro era desprovido.

O desfecho dos romances *O cortiço* e *São Bernardo* também apresenta um caráter intertextual comum entre os dois protagonistas. João Romão pensando em um futuro promissor e não tendo coragem de matar Bertoleza, planeja restituí-la ao cativo. A quitandeira compreendendo a traição, viu-se na condição de escrava fugida e prefere a morte a ser escravizada por seus antigos donos. Logo após esse incidente, uma comissão de abolicionistas chega para trazer o diploma de sócio-benemérito para o português, ironia que representa as contradições de uma

sociedade escravocrata e imperial. Todavia, há um determinado momento em que João Romão reflete sobre suas ações. Representado como ambicioso e explorador do princípio ao fim da narrativa, em um breve instante cai em si e medita sobre sua crueza e traição com relação àquela que o ajudou a enriquecer e se tornar o que é: “João Romão fugira até o canto mais escuro do armazém, tapando o rosto com as mãos.” (AZEVEDO, 1998, p.230).

Paulo Honório, por sua vez, de enxadeiro torna-se um grande fazendeiro empreendedor, porém, fracassado em sua vida conjugal. Após o suicídio da esposa é acometido de um imenso vazio. A imagem de Madalena o persegue e as lembranças persistem em seus pensamentos. Abandonado pelos amigos e empregados, e os negócios arruinando, ao final do romance, mostra-se ciente de quais as forças que o levaram à derrocada, tanto econômica quanto afetiva. O personagem volta-se para si mesmo, em que se avalia antes de avaliar os outros. Os fatos giram em torno de si e escreve sobre os acontecimentos retirados de sua memória, sob uma perspectiva reflexiva e muitas vezes culpada. Então, conscientiza-se do seu fracasso como ser humano e de ter reduzido as pessoas a coisas:

Sou um homem arrasado. (...) O que estou é velho. Cinquenta anos pelo São Pedro. Cinquenta anos perdidos, cinquenta anos gastos sem objetivo, a maltratar-me e a maltratar os outros. O resultado é que endureci, calejei e não é um arranhão que penetra esta casca espessa e vem ferir cá dentro a sensibilidade embotada. Cinquenta anos! Quantas horas inúteis! Consumir-se uma pessoa a vida inteira sem saber pra quê! (RAMOS, 1996, p.184)

Mais adiante culpa também o trabalho por tornar-se o que é: “A princípio estávamos juntos, mas esta desgraçada profissão nos distanciou. (...) Creio que nem sempre fui egoísta e brutal. A profissão é que me deu qualidades tão ruins.” (RAMOS, 1996, p.190). Paulo Honório, integrante e participante da forma de exploração sistemática do indivíduo, toma o próprio trabalho como categoria degradante do caráter e dos valores humanos, cuja consequência é a coisificação do homem, pois o fazendeiro tornou-se o maquinário principal das terras de São Bernardo, embrutecido,

animalizado e sem sentimentos. Dessa forma, conclui-se que tanto João Romão quanto Paulo Honório vivenciaram, em épocas distintas, a submissão ao sistema de exploração por meio da atividade laborativa, quando no princípio de suas jornadas de trabalho submeteram-se a labutar arduamente e a afrontaram resignados as mais duras privações. No percurso da ascensão social e material dos personagens, estes valeram-se da exploração da mão-de-obra alheia como meio de enriquecerem. Dessa forma, ambos revelam que o cenário laboral voltado, tanto para o auto-enriquecimento material quanto para a exploração brutal do outro, dá-se por uma estreita lógica instrumental do trabalho em que não há sentido humanizador. Apenas o desejo da posse material sobre tudo conduz a lógica do trabalho. Ontologicamente, o trabalho nesse caso forma seres alienados e brutalizados, visto que é ausente de sentimentos e práticas mais coletivas e fraternas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise na representatividade literária da produção laboral dos personagens João Romão e Paulo Honório, verifica-se que nos dois romances ocorre a articulação entre texto ficcional e contexto histórico, final de oitocentos e década trinta do século XX, respectivamente. No caso de *O Cortiço*, o texto recria o universo de um capitalismo ainda primitivo em que o trabalho material árduo e espartano faz parte da vida de grande parte dos trabalhadores livres, inclusive da vida do protagonista. O trabalho escravo também se acha presente, sendo alavanca para grandes fortunas. A poupança e a vida frugal são também ali representadas, reproduzindo um capitalismo inicial de mais acúmulo que consumo. Entretanto, o personagem principal, ao adentrar outra classe social, a da burguesia, agrega outros modos de vida, sendo mais perdulário e consumista a fim de assegurar um lugar distinto do cenário do trabalhador braçal. O trabalho material é fonte de riqueza e de exploração do outro. Todavia deixa de ser ação do protagonista tão logo consegue ascender de classe social. O romance ficcionaliza a vida de personagens trabalhadores em cujo ambiente laboral ocorrem suas alegrias, misérias e vida social e afetiva. O trabalho é tanto fonte de sociabilidade quanto de alienação para

muitas das personagens, demonstrando-se as múltiplas facetas dessa atividade. Já em *São Bernardo*, vemos também o contexto social ao presenciarmos a entrada de novas tecnologias no meio rural, alavancando a produção ali existente. A racionalização e a mecanização da produção rural são fontes de riqueza para o personagem Paulo Honório. O trabalhador rural também é recriado em sua exploração e miséria devido a condições subumanas de vida. O proprietário da fazenda exercita o mandonismo sobre os trabalhadores e o cenário laboral é ausente de proteção legal ao trabalhador. Paulo Honório também se vale do trabalho material para ascender, mas explora o trabalho de outrem para enriquecer. Ambos os personagens tem a marca do trabalho material árduo em seus corpos, entretanto dele se afastam tão logo adentram a condição de proprietários e bem sucedidos capitalistas, exercendo daí por diante, o trabalho imaterial, sobretudo vinculado ao capital financeir. Ambos também, salvaguardadas as devidas proporções, adquirem consciência da exploração que infligem a outrem, entretanto não apontam soluções viáveis para tal problemática. As condições de exploração do trabalhador são inerentes ao processo capitalista ainda incipiente no século XIX e já alterado devido à racionalização do processo em trinta, e essa situação é recriada literariamente, entretanto não pode ser mudada, pois as personagens exploradas em *O Cortiço* não detem consciência de classe ou instituições representativas que possam fazê-las encetar um processo de libertação. Já em *São Bernardo*, o ambiente rural, dominado pelo mandonismo da figura do coronel, tipificado em Paulo Honório, também desfavorece quaisquer movimentos de resistência do trabalhador.

5 REFERÊNCIAS

- ANTUNES, R. **Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. São Paulo: Cortez, 1999.
- _____. **Os Sentidos do Trabalho: Ensaio sobre a Afirmção e Negação do Trabalho**. São Paulo: Boitempo, 1999.
- AZEVEDO, A. **O cortiço**. São Paulo: FTD, 1998.
- BAKHTIN, B; VOLOSHINOV, N. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1986.

- CANDIDO, A. Os bichos do Subterrâneo. In: **Tese e Antítese**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.
- _____. A passagem do dois ao três. In: **Revista de História**. A. 025, tomo 2, volume 50, n. 100, São Paulo, out. – dez. 1974.
- _____. **Ficção e confissão**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.
- _____. A. Crítica e Sociologia. In: **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Nacional, 1976.
- ENGELS, F. **O papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. Rio de Janeiro: Global, 1990.
- FANINI, A. M. R. A assimilação estética do universo do trabalho em Aluísio Azevedo. In:
- QUELUZ, G. (Org.). **Tecnologia e Sociedade: (im) possibilidades**. Curitiba- PR: Torre de Papel, 2003, v. 01, p. 201-218
- _____. O universo do trabalho em O cortiço. **Revista de Letras**. Curitiba, v.13, p. 54-68, 2010.
- GODOY, S.M.R. **Análise estrutural de romances brasileiros**. Petrópolis: Vozes, 1973.
- GOLDMANN, L. **A Sociologia do romance**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- LUKÁCS, G. **Ontología del Ser Social: el trabajo**. Trad. Antonino Infranca y Miguel Vedda. Buenos Aires: Herramienta, 2004.
- _____. **Teoria do romance**. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Editora 34, 2000.
- MARX, K. A maquinaria e a indústria moderna. In: **O capital**. Trad. Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1975.
- RAMOS, G. **São Bernardo**. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- SANT'ANNA. A. R. **Por um conceito de literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1977.